

Otimismo dos economistas

Há consenso de que crise política não descontrola inflação

SÃO PAULO — Economistas de diversas tendências, reunidos ontem no Conselho Regional de Economia de São Paulo, firmam em coro não acreditar que a crise política venha a descontrolar a economia. A inflação, dizem eles, deverá ter um ligeiro *repique* em setembro e outubro, devido a fenômenos sazonais, como o vestuário com a entrada da coleção verão, e a entressafra. No entanto, não chegará aos 27% em outubro, como se chegou a especular. Ao contrário, acreditam que poderá voltar a cair em

novembro e dezembro, a exemplo do que ocorreu em 1990 e 1991.

Neste cenário, Itamar Franco é uma certeza. Para Paul Singer, secretário de Planejamento do município de São Paulo; Luiz Alberto Machado, diretor do Instituto Liberal; Heron do Carmo, professor da Faculdade de Economia e Administração de Empresas da USP e pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe); e Marcel Domingos Solimeo, economista da Associação Comercial de São Paulo, os choques heterodoxos estão descartados no curto prazo, tanto no governo Collor como no de seu sucessor. Não há condições mínimas para isso, analisam eles. O Congresso não aprovaria e a sociedade civil quer maior estabilidade

nas regras. Um plano novo estaria fadado a morrer por falta de apoio.

O tom das análises é quase otimista. Para eles, a economia está madura o bastante para não se deixar levar pelas dificuldades vividas na Esplanada dos Ministérios. E o país dispõe hoje de mais condições para o combate à inflação que no início do governo Collor. A posição brasileira em relação à dívida interna e externa é melhor que há dois anos. A sociedade já chegou a um consenso sobre a necessidade urgente de algum tipo de reforma fiscal e tributária. A única medida significativa que qualquer equipe econômica poderá tomar até o final do ano, dizem estes economistas, será a preparação de um ajuste fiscal e do orçamento para 1993.

Economistas não acreditam em choque

Heron do Carmo/FEA-USP e Fipe

● **Inflação:** em setembro e em outubro, itens como vestuário, alugueis e alimentos deverão pressioná-la para cima. Mas são fenômenos sazonais. Acredita que em novembro e em dezembro, da mesma forma como já ocorreu em 1990 e em 1991, haverá uma ligeira queda. Índices como 25% para setembro e 27% em outubro são muito exagerados.

● **Mudança no governo:** é a hipótese mais provável. Neste quadro, Itamar será obrigado a se compor com várias forças e provavelmente a linha econômica a ser seguida será manter a orientação atual.

● **Choque:** o cenário é altamente improvável. A nova equipe terá de tomar pé da situação antes de assumir qualquer medida. Isso leva pelo menos seis meses.

Paul Singer/Secretário de Planejamento do Município de São Paulo

● **Inflação:** poderá cair no médio prazo com os primeiros impactos de

acordos de Câmaras Setoriais como a dos fabricantes de cervejas, construção civil e indústria têxtil. Não há como explodir. Os preços não podem subir muito acima do poder aquisitivo. Sua queda, no entanto, depende de acordos entre os agentes econômicos.

● **Mudança de governo:** “É uma questão de semanas. Magnífica oportunidade para chamar a sociedade a discutir uma política econômica abrangente.”

● **Choques:** não há condições de um novo plano sem apoio do Congresso. Marcílio baseia seus êxitos no fato de não ter feito pacotes. E não os faria agora. Só ocorreria com uma troca da equipe atual.

Luiz Alberto Machado/Instituto Liberal/Fundação Armando Álvares Penteado

● **Inflação:** não tem condições de explodir este ano. Poderá baixar com mudança do governo. “Será um alívio para os agentes econômicos sair desta incerteza e haverá um

impacto positivo com o fortalecimento das instituições.”

● **Mudança de governo:** o mais provável dos cenários. Fortalecerá as instituições. Torna o ajuste fiscal mais viável. A resistência no Congresso passa a ser menor. A nova equipe poderá se beneficiar do *prazo de tolerância* dado a todos os governos no início do mandato.

● **Choques:** não se daria sob a batuta de Marcílio. Com um novo governo, um choque seria desnecessário. A inflação tenderia a baixar. E o clima seria mais favorável no Congresso para medidas mais amplas de reforma tributária e fiscal.

Marcel Solimeo/Associação Comercial de São Paulo

● **Inflação:** pode dar um repique em setembro e outubro devido a fenômenos sazonais. Mas não explode. Não há demanda.

● **Mudança de governo:** provável.

● **Choque:** descartado. A atual equipe não tomaria esta atitude. “E não seria fácil substituir a atual equipe de Collor.”